

Uma reflexão sobre o papel educativo dos museus

SEBASTIAO PIMENTEL FRANCO

Professor Adjunto do Departamento de
História da Ufes – Museólogo

A origem dos museus deu-se na antigüidade. Naquela época, era o local onde se guardavam os conhecimentos da humanidade. Etimologicamente, o vocábulo museu vem do grego Moseion, nome de um templo de Atenas, dedicado às musas. No século III a.C, utilizou-se esta palavra para designar um conjunto de edifícios construídos por Ptolomeu em seu palácio, em Alexandria. Nele havia um anfiteatro, uma biblioteca, um observatório de trabalho e de estudos, um jardim botânico e uma coleção zoológica e ali se reuniam os sábios da época.

Os romanos desenvolveram o costume de colecionar obras artísticas. A partir dos saques na época da expansão militar, os templos de Roma ficaram abarrotados de objetos de arte e muitos deles foram colocados à visitação pública, como forma de ostentar riqueza, fama e prestígio.

Já em plena Idade Média, a igreja se encarregou de acumular preciosos conjuntos artísticos, criando suas próprias coleções.

Com o Renascimento, a paixão por conjunto de obras de arte cresce ainda mais e palácios reais passam a formar esplêndidas coleções, por toda a Europa.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, as coleções reais aumentam ainda mais a sua importância, os reis e príncipes liberam as obras para a visitação pública.

O primeiro museu aberto ao público foi o Louvre, "Museu da República", em 1793, após a Revolução Francesa. Daí em diante, outros são abertos na Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, etc.

Os museus dos primórdios do século XIX até o início do século XX tinham por finalidade apresentar, expandir e armazenar as coleções.

Foi no decorrer deste século, que o papel dos museus na comunidade e a utilização de suas coleções para fins educativos ganhou toda a sua importância.

No século XX, na década de 30, surge a preocupação quanto a se realizarem investigações e experiências no sentido de se dar ao museu um papel e função, centrando-se quase que exclusivamente em sua dimensão pedagógica, colocando-se por terra a velha concepção de que museu é uma casa velha, cheia de relíquias, quinquilharias, objetos antigos, dispostos de forma a

aguçar a curiosidade e o deleite das pessoas, algo morto, estático, inanimado.

Henri Rivière fala "que foi no decorrer deste século que o papel dos museus na comunidade e a utilização de suas coleções com fins educativos ganhou toda sua importância. Este aspecto de atividade dos museus de numerosos países foi um dos fenômenos mais notáveis destes últimos quinze anos no mundo da museologia".

Segundo Luís Monreal, "Os museus debatem-se por superar conceitos novecentistas que os condenaram a ser um templo sacro-santo e abstrato de cultura, um ser inútil nesta época eminentemente prática".

A presença no museu deve ser sempre espontânea, nunca forçada. O museu só tem razão de existir, quando desempenha um papel de utilidade para a sociedade, o envolvimento deste com a comunidade é condição sine-qua-non para seu funcionamento. É preciso conhecer detalhadamente a comunidade, entender sua problemática, para então, desenvolverem-se ações que tenham a ver com sua realidade. Quanto mais próximo for atingido tal objetivo, mais o museu estará perto de sua integração com a comunidade.

Atualmente, os museus têm se voltado para uma atuação mais participativa junto à comunidade, procurando sair do marasmo em que tem vivido nos últimos anos.

Repensando tudo isto, passamos a ter a compreensão de museu calcada numa visão moderna do que seja e para que serve. Nós o vemos como um produto de uma realidade, que procurará acima de tudo evidenciar toda sua problemática, quem sabe assim, contribuindo para soluções de seus problemas imediatos.

Não podemos mais conceber museu como algo dissociado do cotidiano das pessoas, da realidade da comunidade que o cerca.

Citando novamente Henri Rivière, "Os museus têm diante de si problemas que muitas outras instituições tão bem conhecem. Inerentes aos diversos tipos de instituições, estes problemas que lhes são comuns devem, no entanto, ser resolvidos de uma forma original para cada caso".

Durante os 08 (oito) anos em que trabalhamos no Museu Solar Monjardim, foi com empenho que nos dedicamos a investir na concepção moderna de museu, desenvolvendo ações que a aproximassem da comunidade, tornando-o verdadeiramente um instrumento educativo.

Sabemos, no entanto, que o caminho a se trilhar para se atingir este ideal é longo, tortuoso e difícil. Não tínhamos e não temos pretensão de vermos uma mudança radical de comportamento da comunidade em relação ao museu. Sabemos que isso faz parte de um processo e como professor de História, compreendemos que o processo histórico é lento. O que nos anima é a certeza de um dia vermos nossas aspirações serem atingidas.

Como professor da disciplina Museologia, na Universidade Federal do Espírito Santo, procuramos mostrar aos alunos a relevância e finalidade dos museus, alertando-os quanto à importância de utilizarem esta instituição como um elemento complementar à educação formal. É nisto que acreditamos e esse é o caminho que procuramos seguir.